

CORREIO
NO MUNDO

REUTERS/FOLHAPRESS



Netanyahu afirma que não cessará ataques até o desarmamento

Netanyahu diz que não recuará até Hamas se desarmar

O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, rejeitou na terça (4) o recente acordo com o Hamas anunciado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e afirmou que Israel não recuará de suas posições em Gaza até que o grupo terrorista esteja totalmente desarmado. O americano havia anunciado na semana passada que o Conselho da Paz, grupo criado por ele para negociar um acordo definitivo ao fim do conflito entre Israel e Hamas na Faixa de Gaza, havia chegado a um acordo para desarmamento da facção palestina. As novas declarações de Netanyahu, no entanto, suscitam novas dúvidas sobre o avanço anunciado por Trump. O acordo previa que o Hamas iniciasse o desarmamento e que Israel suspendesse os ataques e começasse a retirar-se dos cerca de 60% do território de Gaza que controla atualmente.

Israel quer o desarmamento do Hamas

Autoridades do Hamas, sob condição de anonimato, confirmaram na semana passada à agência de notícias AFP que o acordo havia sido concluído. Eles disseram que apenas o comitê tecnocrático que governará Gaza teria autoridade para contabilizar e apreender as armas do grupo. O Hamas aceitou o desarmamento, condicionando-o à saída das forças do Estado judeu de Gaza. Nesta terça, porém, Netanyahu reiterou sua posição de que o desarmamento deve ocorrer primeiro, antes de qualquer remoção de tropas.

DANIEL TOROK/ CASA BRANCA



Conselho de Paz de Trump dá apoio e garantias a Netanyahu

Qatar acusa Tel Aviv de atrasar a paz

Netanyahu afirmou que as forças israelenses continuarão a “fazer o que for necessário para proteger a si mesmas, nosso território e nossos cidadãos”. O premiê afirmou que o governo Trump “enviou uma minuta” a seu gabinete. “Nós não concordamos. Não é a nossa minuta. Enviamos nossos comentários... Essa é a nossa posição”, disse o israelense em um vídeo publicado nas redes sociais. Em meio ao impasse, o Qatar, país mediador no conflito, acusou o governo Netanyahu de atrasar a aplicação do plano de paz para a Faixa de Gaza.

Conselho de Paz dá garantias a Israel

“A intensificação dos bombardeios israelenses nos últimos dias”, sobre Gaza, “não passa de uma tentativa de descarrilar a aplicação do plano e de bloquear as soluções pacíficas para o conflito”, declarou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores catari, Majed Al Ansari. O Conselho de Paz de Trump assegurou a Netanyahu que o Exército de Israel não se retiraria do território palestino até o desarmamento total do Hamas.

Papa virá à América do Sul

O papa Leão 14 visitará três países da América do Sul em novembro, anunciou o Vaticano nesta quarta-feira (5). O pontífice irá ao Uruguai, à Argentina e ao Peru entre os dias 6 e 17 de novembro. A viagem é significativa para o líder católico que passou décadas como missionário e bispo no Peru antes de se tornar papa no ano passado.

Datas confirmadas

É também a primeira viagem de um papa à América do Sul desde 2018, quando o papa Francisco viajou ao Chile e ao Peru. Apesar de ser argentino, ele nunca visitou sua terra natal como pontífice. Leão 14 ficará no Uruguai de 6 a 8 de novembro, na Argentina de 8 a 11 e no Peru de 11 a 17, informou a assessoria do Vaticano.

Papa: De volta ao lar

Embora seja o primeiro pontífice nascido nos Estados Unidos, o papa também é cidadão peruano. No país, foi bispo de Chiclayo, no noroeste, de 2015 a 2023. Durante sua passagem pelo Peru, o papa visitará Chiclayo, Lima, Cusco e Pucallpa, segundo o Vaticano. Na Argentina, visitará Buenos Aires, Córdoba e Luján. No Uruguai, irá a Montevideú, Paysandú e Florida.

Bomba na Alemanha

A polícia da Alemanha encontrou pela primeira vez na Europa um drone armado com explosivo junto à pista de um aeroporto. O incidente ocorreu nesta quarta-feira (5) em Leipzig, onde um avião também colidiu com um objeto não identificado ao decolar, tendo de fazer um pouso forçado. O drone foi desarmado por um robô antibombas.

Explosivo caseiro

A bomba estava ao lado de um gigantesco avião de transporte An-124 da Antonov Airlines, empresa ucraniana de logística que usa Leipzig como centro de operações desde que a invasão russa de 2022 destruiu a base em Hostomel, perto de Kiev. Exames no aparelho mostram que era rudimentar e que o detonador não parecia funcionar. Seu explosivo era caseiro.

Autor desconhecido

Ninguém assumiu responsabilidade pelos episódios, que estão sob investigação por forças anti-terrorismo e contra extremistas, mas as suspeitas nesses casos costumam cair sobre a Rússia — associada a uma longa série de incidentes envolvendo drones na Europa nos últimos anos.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Escalada gera violência recorde entre os países envolvidos na guerra

Mortes de civis na Guerra da Ucrânia batem recorde desde 2022

Em janeiro, morreram 7,1 civis por dia dos dois lados; em julho, foram 21

Por Igor Gielow (Folhapress)

A escalada da violência na Guerra da Ucrânia, que já colocou 2026 como o ano de mais ataques de lado a lado por dia no conflito até aqui, tem cobrado um alto preço da população civil. O número de mortes por dia nas três primeiras semanas de julho é o maior desde março de 2022, no início da invasão russa.

Até o dia 23 do mês passado, morreram 2.369 civis em ambos os lados, ou 78% do total registrado em 2025. Em janeiro, a taxa diária de mortes era de 7,1 mortos, chegando agora a 21 —maior índice após o pico de 74,7 na aurora da ação iniciada por Vladimir Putin.

Os dados são os mais recentes do Aclad (Projeto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos, no acrônimo em inglês), programa referencial deste tipo de levantamento a partir de fontes abertas. A ONU afirma que todas as estimativas são subestimadas.

Como os números vêm de relatórios e do noticiário, distorções são previsíveis. A carnificina também não se compara à dos campos de batalha, onde até aqui uma estimativa do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (EUA)

aponta até 450 mil mortes russas e 140 mil ucranianas.

O impacto sobre civis ganhou impulso com o recrutamento dos dois lados neste ano: Kiev passou a atacar com mais afinco o vizinho com drones e mísseis de fabricação própria, dos quais antes não dispunha, e Moscou apertou ainda mais sua campanha ao ver faltar gasolina em postos devido à ação dos rivais.

O caráter da guerra aérea, que tende a afetar mais os civis ainda que os alvos sejam industriais ou militares, fica claro nos números do Aclad.

Na mais disseminada forma de combate, o envio de drones, já foram 33.628 ataques neste ano, 23.395 contra a Ucrânia. Em 2025 inteiro, foram 38.150, sendo 24.416 no país de Volodimir Zelenski. Em 2022, foram meras 249 ações, 235 destas sobre alvos ucranianos.

Julho, até o dia 23, já tinha registrado 439 mortes civis na Ucrânia e 62 na Rússia.

O país passou a se acostumar com cenas como a desta terça-feira (4), quando mais dois centros logísticos da Wilberries, a “Amazon russa”, foram atingidos por drones. Outros dois depósitos também foram alvejados, deixando cinco mortos.